

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

AGOSTO DE 1868

Nº 8

O Materialismo e o Direito

Exibindo-se como não o tinha feito em nenhuma outra época e se apresentando como supremo regulador dos destinos morais da Humanidade, o materialismo teve por efeito apavorar as massas pelas conseqüências inevitáveis de suas doutrinas para a ordem social. Por isto mesmo provocou, em favor das idéias espiritualistas, uma enérgica reação, que deve provar-lhe que está longe de ter simpatias tão gerais quanto supõe, e que se ilude singularmente se espera um dia impor suas leis ao mundo.

Seguramente as crenças espiritualistas dos tempos passados são insuficientes para este século; elas não estão no nível intelectual de nossa geração; sobre muitos pontos estão em contradição com os dados positivos da Ciência; deixam no espírito um vazio incompatível com a necessidade do positivo, que domina na sociedade moderna; além disso, cometem o erro imenso de se imporem pela fé cega e de proscreverem o livre-exame. Daí, sem a menor dúvida, o desenvolvimento da incredulidade no maior número; é muito evidente que se os homens não fossem alimentados, desde a infância, senão por idéias susceptíveis de

serem confirmadas mais tarde pela razão, não haveria incrédulos. Quantas pessoas, reconduzidas à crença pelo Espiritismo, nos disseram: Se sempre nos tivessem apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais teríamos duvidado!

Pelo fato de um princípio receber uma aplicação má ou falsa, segue-se que se deva rejeitá-lo? Isto acontece com coisas espirituais, como com a legislação de todas as instituições sociais: é necessário apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbir. Mas em vez de apresentar algo de melhor que o velho espiritualismo clássico, o materialismo preferiu tudo suprimir, o que o dispensava de procurar, e parecia mais cômodo àqueles a quem importuna a idéia de Deus e do futuro. Que pensariam de um médico que, achando que o regime de um convalescente não é bastante substancial para o seu temperamento, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

O que é de admirar é encontrar na maioria dos materialistas da escola moderna esse espírito de intolerância levado aos últimos limites, logo eles que reivindicam sem cessar o direito de liberdade de consciência. Seus próprios correligionários políticos acham-se sem graça diante deles, assim que fazem profissão de espiritualismo, como o Sr. Jules Favre, a propósito de seu discurso na Academia (*Figaro* de 8 de maio de 1868), e como o Sr. Camille Flammarion, afrontosamente ridicularizado e denegrido, num outro jornal, cujo nome esquecemos, porque ousou provar Deus pela Ciência. Segundo o autor dessa diatribe, não se pode ser sábio senão com a condição de não crer em Deus; Chateaubriand não passa de um mísero escritor e velho caduco. Se homens de tão incontestável mérito são tratados com tão pouco respeito, os espíritas não devem se lamentar por serem trocados a respeito de suas crenças.

Há neste momento, da parte de certo partido, uma oposição furibunda contra as idéias espiritualistas em geral, nas

quais o Espiritismo se acha naturalmente englobado. O que ele busca não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus-matéria, menos constrangedor, porque não tem que lhe dar contas. Ninguém contesta a esse partido o direito de ter a sua opinião, de discutir as opiniões contrárias, mas o que não se lhe poderia conceder é a pretensão, no mínimo singular para homens que se apresentam como apóstolos da liberdade, de impedir que os outros creiam à sua maneira e de discutir as doutrinas que não partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais que a outra.

Um dos melhores protestos que temos lido contra as tendências materialistas foi publicado no jornal *Droit*, sob o título de: *O materialismo e o direito*. A questão aí é tratada com notável profundidade e perfeita lógica, do duplo ponto de vista da ordem social e da jurisprudência. Sendo a causa do espiritualismo a do Espiritismo, aplaudimos a enérgica defesa da primeira, mesmo quando aí se faz abstração da segunda. Eis por que pensamos que os leitores da Revista verão com prazer a reprodução desse artigo.

(Extraído do jornal *Droit*, de 14 de maio de 1868)

A geração presente atravessa uma crise intelectual, com a qual não se deve inquietar além da medida, mas seria imprudência deixar o seu desenlace ao acaso. Desde que a Humanidade pensa, acredita-se na alma, princípio imaterial, distinto dos órgãos que o servem; faziam-na até imortal. Acreditava-se numa Providência, criadora e senhora dos seres e das coisas, no bem, no justo, na liberdade do arbítrio humano, numa vida futura que, para valer mais do que o mundo em que estamos, não precisa, como diz o poeta, senão existir. Modernos doutores, que começam a tornar-se barulhentos, mudaram tudo isto. O homem é por eles reconduzido à dignidade do animal, e este reduzido a um agregado material. A matéria e as propriedades da matéria, tais seriam os únicos objetos possíveis da ciência humana; o pensamento não seria senão um produto do órgão que é a sua sede, e o homem, quando as

moléculas orgânicas que constituem a sua pessoa se desagregam e voltam aos elementos, pereceria inteiramente.

Se as doutrinas materialistas jamais devessem ter a sua hora de triunfo, os juristas filósofos – é preciso que se diga para sua honra – seriam os primeiros vencidos. Que teriam a fazer suas regras e suas leis num mundo no qual a lei da matéria fosse toda a lei? As ações humanas não podem ser senão fatos automáticos, se o homem for toda matéria. Mas, então, onde estará a liberdade? E se a liberdade não existir, onde está a moral? A que título uma autoridade qualquer poderia pretender dominar a expansão fatal de uma força toda física e necessariamente legítima, desde que é fatal? O materialismo arruína a lei moral e, com a lei moral, o direito, a ordem civil toda inteira, isto é, as condições da existência da Humanidade. Tais conseqüências imediatas, inevitáveis, certamente merecem que nelas se pense. Vejamos, pois, como se reproduz esta velha doutrina materialista, que não se viu despontar, até o presente, senão nos piores dias.

Quase sempre houve materialistas, teóricos ou práticos, quer por desvio do senso comum, quer para justificar baixos hábitos de viver. A primeira razão de ser do materialismo está na imperfeição da inteligência humana. Cícero disse em termos muito duros, que não há tolíce que não tenha encontrado algum filósofo para defendê-la: *Nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum*. A segunda razão de ser está nas más inclinações do coração humano. O materialismo prático, que se reduz a algumas máximas vergonhosas, sempre apareceu nas épocas de decomposição moral ou social, como as da Regência e do Diretório. Na maioria das vezes, quando houve pretensões mais elevadas, o materialismo filosófico foi uma reação contra as exigências exageradas das doutrinas ultra-espíritualistas ou religiosas. Mas em nossos dias ele se produz com um caráter novo; chama-se científico. A história natural seria toda a ciência do

homem; nada existiria do que ela não tem por objeto e, como não tem por objeto o espírito, o espírito não existe.

Para quem queira pensar no caso, com efeito o materialismo é mesmo um perigo, não da ciência verdadeira, mas da ciência incompleta e presunçosa; é uma planta má que cresce em seu solo. De onde vêm as tendências materialistas, mais ou menos acentuadas, de tantos sábios? De sua constante ocupação em estudar e manipular a matéria? Talvez um pouco. Mas elas vêm sobretudo de seus hábitos de espírito, da prática exclusiva de seu mérito experimental. O método científico pode reduzir-se nestes termos: Não recolher senão fatos, deduzir muito prudentemente a lei desses fatos, banir absolutamente todas as pesquisas das causas. Não é de admirar, depois disto, que inteligências de visão curta, débeis nalgum sentido, deformadas, como nos tornamos todos, por um mesmo trabalho intelectual ou físico muito contínuo, desconheçam a existência dos fatos morais, aos quais não convém a aplicação de seu instrumento lógico e, por uma transmissão insensível, passam da ignorância metódica à negação.

Entretanto, se este método exclusivamente experimental pode achar-se em erro, é bem no estudo do homem, ser duplo, espírito e matéria, cujo organismo mesmo não pode ser senão o produto e o instrumento da força oculta, mas essencialmente una, que o anima. Não se quer ver no organismo humano mais que um agregado material! Por que cindir o homem e não querer, metodicamente, nele considerar senão um princípio, se há dois? É possível gabar-se, ao menos, de assim explicar todos os fenômenos da vida? O materialismo fisiológico, que prepara o materialismo filosófico, mas que a ele não conduz necessariamente, a cada passo é ferido de impotência. A vida, digam o que disserem, é um movimento, o movimento da alma informando o corpo; e a alma é, assim, a mola que move e transporta, por uma ação desconhecida e inconsciente, os elementos dos corpos vivos. Trazendo sistematicamente o estudo do homem físico às condições

do estudo dos corpos organizados; não vendo nas forças vivas de cada parte do organismo senão propriedades da matéria; localizando essas forças em cada uma dessas partes; não considerando a vida senão como uma manifestação física, um resultado, quando ela talvez seja um princípio; afastando a unidade do princípio de vida como uma hipótese, quando pode ser uma realidade, cai-se, sem dúvida, no materialismo fisiológico, para depois escorregar rapidamente no materialismo filosófico; mas se conclui por uma enunciação e um exame incompleto dos fatos; acreditou-se marchar apenas apoiado na observação, e afastou-se o fato capital que domina e determina todos os fatos particulares.

O materialismo da nova escola não é, pois, um resultado demonstrado do estudo; é uma opinião preconcebida. O fisiologista não admite o espírito; mas que há de admirável? é uma causa, e ele se pôs no estudo com um método que lhe interdita precisamente a pesquisa das causas. Não queremos submeter a causa do espiritualismo a uma questão de fisiologia controvertida, e sobre a qual nos poderiam recusar em bom direito. O sentido íntimo me revela a existência da alma com uma autoridade bem diversa. Ainda que o materialismo fisiológico fosse tão verdadeiro quanto é discutível, nem por isso nossas convicções espiritualistas ficariam menos inteiras. Fortalecido pelo testemunho do senso íntimo, confirmado pelo assentimento de mil gerações que se sucederam na Terra, repetiríamos o velho adágio: “A verdade não destrói a verdade”, e esperaríamos que a conciliação se fizesse com o tempo. Mas, de que peso não nos sentimos aliviados quando vemos que, para negar a alma e dar esta declaração como um resultado da Ciência, o sábio, por confissão própria, partiu metodicamente dessa idéia de que a alma não existe!

Lemos muitos livros de fisiologia, em geral muito mal escritos; o que nos chamou a atenção foi o vício constante dos raciocínios do fisiologista organicista, quando sai do seu assunto para se fazer filósofo. Vê-se-o constantemente tomar um efeito por

uma causa, uma faculdade por uma substância, um atributo por um ser, confundir as existências e as forças, etc., e raciocinar em consequência. Dir-se-ia uma aposta. Algumas vezes ele transpõe distâncias incríveis sem desconfiar do caminho que faz. Que espírito exato e claro, por exemplo, jamais pôde compreender esse pensamento tão conhecido de Cabanis e de Broussais, que “o cérebro produz, *secreta* o pensamento?” Outras vezes, o homem positivo, o homem da ciência, o homem da observação e dos fatos, nos dirá seriamente que o cérebro “armazena as idéias.” Ainda um pouco, ele as desenhará. É metáfora ou mixórdia?

Jamais será pedido à ciência natural que tome partido pró ou contra a alma humana; mas por que ela não se resolve a ignorar o que não é objeto de suas investigações? Com que direito ousa jurar que não há nada depois dela, após ter decretado não querer vê-la? Por que não guarda um pouco dessa reserva, que nos convém tão bem a todos, sobretudo aos que têm a pretensão de não avançar senão com certeza? Com que autoridade o anatomista poderá declarar que a alma não existe, porque não a encontrou sob o seu escalpelo? Pelo menos começou ele a demonstrar rigorosamente, cientificamente, por experiências e por fatos, segundo o método que preconiza, que o seu escalpelo pode atingir tudo, até mesmo um princípio imaterial?

Seja como for com todas estas questões, o materialismo, dizendo-se científico, sem por isto valer mais, se espalha à luz do dia e nos deixa ver o que seria o direito materialista. Ai! o estado social materialista nos ofereceria um bem triste e vergonhoso espetáculo. Antes de mais, uma coisa é certa: se o homem não existe senão por seu organismo, essa massa material e automática, em que doravante se tornará todo homem, provido de um encéfalo para secretar idéias, será irresponsável por todos os movimentos que produzir.²⁷ Com ela não será preciso que o

27 Como o fígado não é responsável pela bile que secreta.

encéfalo de uma outra massa material se decida a secretar idéias de justiça ou de injustiça; porque essas idéias de justiça ou de injustiça só são aplicáveis a uma força livre, existente por si mesma, capaz de querer e de se abster. Não se contesta a torrente ou a avalanche.

Então a liberdade, isto é, a vontade de agir ou não agir, não existirá aqui, nem tampouco o direito. Nesse estado, todas as forças terão um pleno e absoluto poder de expansão. Tudo será legítimo, lícito, permitido, mesmo ordenado, digamos; porque é claro que tudo faz que não seja o ato de uma vontade livre, que não se produz como um ato moralmente obrigatório ou moralmente proibido; é um fato obrigado, que bem pode vir chocar-se com um fato contrário do mesmo caráter, mas que cai como todos os fatos físicos, sob o império inelutável das leis naturais.

Basta expor tais idéias para lhes fazer justiça. É o sistema de Espinoza, que muito resolutamente estabeleceu o princípio do direito da força. Os fortes, diz Espinoza, são feitos para subjugar os fracos, como os peixes para nadar e os maiores para comer os menores. No sistema materialista, o que seria chamado direito não poderia ter um princípio diferente. Mas que homem dotado de senso ousaria confessar tal sistema que, por si só, bastaria para refutar o materialismo, pois que dele decorre necessariamente? Querem, entretanto, que esse princípio da força se ache, de fato, limitado por si mesmo? Nada será ganho, ou quase nada, com esse flagrante desmentido do princípio. Admitamos, se quiserem, que a substância pensante (continuamos a falar a língua dos materialistas) se combine nos indivíduos para regularizar essa expansão da força; a que chegará? No máximo a um conjunto de regras que terão por base o interesse e, ainda, como não há outras leis senão as leis da matéria, essa legislação não terá nenhum caráter obrigatório; cada um poderá infringi-la se sua matéria pensante lho aconselhar e se sua força lho permitir. Assim, nesta singular doutrina, não se teria nem mesmo um estado social construído sobre o plano da triste sociedade de Hobbes.

Não falamos ainda senão das condições primeiras de todo estado social. Mas, em toda sociedade civil, consagra-se a propriedade individual; contrata-se, vende-se, aluga-se, associa-se, etc. O casamento funda a família; daí nasce toda uma ordem nova de relações. Pela educação do lar e pela educação pública, perpetuam-se as tradições. Assim se forma o espírito nacional e se desenvolve a civilização. Nossa sociedade materialista terá o seu direito civil? Impossível supô-lo, porquanto o direito civil, em seu conjunto, tem por princípio a justiça, e a justiça não pode ser senão uma palavra, ou uma contradição, numa doutrina que só conhece a matéria e as propriedades da matéria. Chega-se assim, inevitavelmente, a concluir (a menos que delirando a propósito) que o estado civil da sociedade materialista é o estado de bestialidade.

Nada dizemos em demasia quando avançamos que o materialismo é destrutivo, não de tal moral, mas de toda moral; não de tal estado civil, mas de todo estado civil, de toda sociedade. É preciso recuar com ele além das regiões da barbárie, além da *selvageria*. Deve-se proscrevê-lo por isto? Que Deus não o permita. Reconhecido o seu caráter, não pediríamos, nada obstante, que o seu ensino fosse interdito; nós o defenderíamos, se necessário, contra toda restrição pela força, desde que o professor não falasse senão em seu próprio nome. A liberdade nos é tão cara (os leitores deste jornal o sabem); traz consigo tais benefícios; temos tal confiança no bom-senso público, que não conceberíamos nenhuma inquietação por ver toda cátedra, toda tribuna aberta a todas as idéias.

Mas a questão já não se apresentaria nos mesmos termos se acontecesse que o professor falasse numa cátedra do Estado, retribuída pelo orçamento. Com ou sem razão, o Estado ensina. Pode ensinar doutrinas cujas conseqüências mais imediatas sejam destrutivas do Estado? Ficarão ao arbítrio do professor fazer o Estado endossar todas as doutrinas que puder conceber? A

questão não é simples. Os professores do Estado são funcionários públicos; seu ensino não pode ser e não é senão um ensino oficial. O estado é responsável pelo que dizem; *responde perante a juventude e as famílias*. Se com as grandes palavras de independência do professorado recusássemos seu controle, far-nos-íamos opressores do Estado, pela mais hipócrita das opressões, porque levaríamos à sua conta doutrinas que ele desaprova.

Sem dúvida a autoridade superior deve aos seus professores, muitas vezes envelhecidos pelo estudo, cuidados, considerações e uma grande confiança, como deve aos seus generais, aos seus administradores e aos seus magistrados; mas ela não lhes deve o sacrifício do mandato, quando é de presumir-se que comande o país. O professor não é mais independente do Estado do que o general que pretendesse comandar uma insurreição.

H. Thiercelin

O Jornal *Solidarité*

O jornal *Solidarité*, do qual falamos na Revista de junho de 1868, continua a ocupar-se do Espiritismo, com o tom de discussão séria que caracteriza essa folha eminentemente filosófica.

Sob o título de *Pesquisas psicológicas a propósito de Espiritismo*, o número de 1º de julho contém um artigo, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Há bem poucos jornais que se possam dizer independentes. Entendo como verdadeira independência a que permite tratar um assunto sem preocupação de partido, de Igreja, de escola, de faculdade, de academia; melhor que isto: sem preocupação do público, de seu próprio público de leitores e de assinantes, e não se inquietando senão em pesquisar a verdade e a proclamar. O *Solidarité* tem essa vantagem muito rara de afrontar

até a suspensão de assinaturas, pois não vive senão de sacrifícios, e de estar colocado muito altamente nas regiões do pensamento para temer as flechas do ridículo.

“Tratando do Espiritismo, sabíamos que não satisfaríamos a ninguém, nem aos crentes, nem aos incrédulos; ninguém, a não ser, talvez, as pessoas que não tomaram partido sobre a questão. Esses sabem que não sabem. São os sábios; são pouco numerosos.”

Em seguida o autor descreve o fenômeno material das mesas girantes, que ele explica pela eletricidade humana, declarando nada ver que acuse uma intervenção estranha. É o que temos dito desde o começo. Ele continua:

“Enquanto não se tem senão que explicar o movimento automático dos objetos, não se precisa ir além do que é obtido nas ciências físicas. Mas a dificuldade aumenta quando se chega aos fenômenos de natureza intelectual.

“A mesa, depois de ter-se limitado a dançar, pôs-se logo a responder a perguntas. Desde então, como duvidar que aí houvesse uma inteligência? A crença vaga nos Espíritos tinha suscitado o movimento dos objetos materiais, pois, *a priori*, é evidente que, sem este, jamais teriam pensado em fazer girar as mesas. Essa crença, achando-se confirmada pelas aparências, deveria levar a dar mais um passo. Considerando-se o Espírito como a causa do movimento das mesas, deveria vir o pensamento de o interrogar.

“As primeiras manifestações inteligentes, diz o Sr. Allan Kardec²⁸, se deram por meio de mesas que se erguiam e batiam com um pé determinado número de pancadas, respondendo por um *sim* ou por um *não*, conforme a convenção, a uma pergunta

28 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, capítulo XI: “Sematologia e Tiptologia”.

feita. A seguir obtiveram-se respostas mais desenvolvidas pelas letras do alfabeto: batendo o objeto móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegou-se a formular palavras e frases, respondendo às perguntas feitas. A absoluta precisão das respostas e sua correlação excitaram a admiração. Interrogado sobre a sua natureza, o ser misterioso que assim respondia, declarou que era *Espírito* ou *Gênio*, deu o seu nome e forneceu diversas informações por sua conta.”

“Esse meio de comunicação era longo e incômodo, como observa muito justamente o Sr. Allan Kardec. Não tardou a que fosse substituído pela corbelha, depois pela prancheta. De modo geral, hoje esses meios estão abandonados, e os crentes se reportam ao que maquinalmente escreve a mão do *médium*, sob o ditado do Espírito.

“É difícil saber qual a parte do médium nas produções mais ou menos inspiradas de sua pena; também não é fácil determinar o grau de automatismo de uma corbelha ou de uma prancheta, quando estes objetos são colocados sob mãos vivas. Mas se a correspondência pela mesa é lenta e pouco cômoda, permite constatar a passividade do instrumento. Para nós, a relação intelectual por meio da mesa está tão bem estabelecida quanto a da correspondência telegráfica. O fato é real. Trata-se apenas de saber se existe o correspondente de além-túmulo. Há um Espírito, um ser invisível com o qual se corresponde, ou os operadores são vítimas de uma ilusão e não estão em contato senão consigo mesmos? Tal é a questão.

“Atribuímos à eletricidade emitida pela máquina humana os movimentos mecânicos das mesas; não temos que procurar alhures senão na alma humana o agente que imprime a esses movimentos um caráter inteligente. Representando a eletricidade como um fluido elástico de extrema sutileza, que se interpõe entre as moléculas dos corpos e os cercam como

que de uma atmosfera, pode-se muito bem compreender que a alma, graças a esse envoltório, faça sentir sua ação sobre todas as partes do corpo, sem nele ocupar um lugar determinado, e que a unidade do *eu* esteja, ao mesmo tempo, por toda parte onde pode atingir a sua atmosfera. A ação por contato ultrapassa, então, a periferia do corpo, e as vibrações etéreas ou fluídicas, comunicando-se de uma atmosfera à outra, podem produzir entre os seres em relação, efeitos a distância. Há nisso todo um mundo a estudar. As forças aí se influenciam e se transformam segundo as leis dinâmicas que nos são conhecidas, mas seus efeitos variam com o ritmo dos movimentos moleculares e conforme esses movimentos se exerçam por vibração, ondulação ou oscilação. Mas, seja como for com essas teorias, que estão longe de haver atingido a positividade necessária para ter lugar reservado na Ciência, nada se opõe a que consideremos o *eu* humano como estendendo à mesa a ação de sua espontaneidade, dela se servindo como de um apêndice ao seu sistema nervoso, para manifestar movimentos voluntários.

“O que o mais das vezes causa ilusão nestas espécies de correspondências telegráficas é que o *eu* de cada um dos assistentes não pode mais se reconhecer na resultante da coletividade. A representação subjetiva que se faz no espírito do médium, pelo concurso desta espécie de fotografia, pode não se parecer a nenhum dos assistentes, embora, sem dúvida, a maioria tenha fornecido algum traço. Entretanto é raro, se se observar com cuidado, que não se encontre mais particularmente a imagem de um dos operadores, que foi o instrumento passivo da força coletiva. Não é um Espírito ultramundano que fala na sala, mas o espírito do médium, talvez duplicado pelo espírito de tal assistente, que o domina, muitas vezes à revelia de um e de outro, e exaltado por forças que lhe chegam, como de diversas correntes eletromagnéticas, do concurso dado pelos assistentes.”²⁹

²⁹ Para resposta a várias proposições contidas neste artigo, vide *O Livro dos Médiuns*, cap. IV, “Dos sistemas”. – Introdução de *O Livro dos Espíritos*. – *O que é o Espiritismo*, cap. I, “Pequena conferência”.

“Vimos muitas vezes a personalidade do médium trair-se por erros de ortografia, por erros históricos ou geográficos, que cometia habitualmente e que não podiam ser atribuídos a um *Espírito* verdadeiramente distinto de sua própria pessoa.

“Uma coisa das mais comuns nos fenômenos desta natureza é a revelação de segredos que o interrogador não julgava conhecido por ninguém; mas esquece que esses segredos são conhecidos por aquele que interroga, e que o médium pode ler em seu pensamento. Para isto é necessário uma certa relação mental; mas essa derivação se estabelece por uma derivação da corrente nervosa que envolve cada indivíduo, mais ou menos como se poderia desviar a centelha elétrica, interceptando a linha telegráfica e a substituindo por um novo fio condutor. Uma tal faculdade é muito menos rara do que se pensa. A comunicação do pensamento é um fato admitido por todas as pessoas que se ocuparam de magnetismo, e é fácil a cada um se convencer da freqüência e da realidade do fenômeno.

“Somos obrigados a resvalar sobre essas explicações muito imperfeitas. Elas não bastam, bem o sabemos, para infirmar a crença nos Espíritos, naqueles que julgam ter provas sensíveis de sua intervenção.

“Não lhes podemos opor provas da mesma natureza. A crença em individualidades espirituais não só nada tem de irracional, mas a consideramos como muito natural. Como sabem, nossa convicção profunda é que o *eu* humano persiste em sua identidade após a morte, e que se encontra, depois de sua separação do organismo terrestre, com todas as suas aquisições anteriores. Que a pessoa humana esteja, então, revestida de um organismo de natureza etérea, é o que não nos parece perfeitamente provado. Assim, o *perispírito* desses senhores não nos repugna. Que é, então, que nos separa? Nada de fundamental. Nada, a não ser a insuficiência de suas provas. Nós não achamos que as relações

espíritas entre os mortos e os vivos sejam constatadas pelos movimentos das mesas, pelas correspondências, pelos ditados. Acreditamos que os fenômenos físicos se explicam fisicamente, e que os fenômenos psíquicos são *causados* por forças inerentes à alma dos operadores. Falamos do que vimos e estudamos com muito cuidado. Entre as inspirações dos médiuns, nada conhecemos até aqui que não pudesse ter sido produzido por um cérebro vivo, sem o concurso de nenhuma força celeste, e a maior parte de suas produções está abaixo do nível intelectual do meio em que vivemos.

“Num próximo artigo, examinaremos as doutrinas filosóficas e religiosas do *Espiritismo*, notadamente aquelas cuja síntese o Sr. Allan Kardec apresentou em seu último volume, intitulado, *A Gênese segundo o Espiritismo*.”

Sem dúvida haveria muita coisa a responder sobre este artigo. Contudo, não o refutaremos, porque seria repetir o que muitas vezes temos escrito sobre o mesmo assunto. Estamos contentes por reconhecer, com o autor, que a distância que ainda o separa de nós é pouca coisa: não é senão o fato material das relações diretas entre o mundo visível e o mundo invisível. Entretanto, essa pouca coisa é muito boa por suas conseqüências.

Aliás, é de notar que se ele não admite essas relações, também não as nega de maneira absoluta; nem mesmo repugna-lhe à razão conceber a sua possibilidade; com efeito, essa possibilidade decorre muito naturalmente do que ele admite. O que lhe falta, diz ele, são as provas do fato das comunicações. Pois bem! essas provas lhe chegarão, mais cedo ou mais tarde; ele as encontrará, quer na observação atenta das circunstâncias que acompanham certas comunicações mediúnicas, quer na inumerável variedade das manifestações espontâneas, que se produzem antes do Espiritismo, e ainda se produzem em pessoas que não o conhecem ou nele não acreditam, e nas quais, conseqüentemente, não se

poderia admitir a influência de uma idéia preconcebida. Seria preciso ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para crer que o fato das manifestações só se produza entre os adeptos.

Esperando, e ainda mesmo que aí devesse deter-se a sua convicção, seria desejável que todos os materialistas o fossem a esse ponto. Devemos, pois, felicitar-nos por o contar entre os homens de valor, pelo menos simpáticos à idéia geral, e por ver um jornal recomendável por seu caráter sério e sua independência, combater conosco a incredulidade absoluta em matéria de espiritualidade, tão bem quanto os abusos que fizeram do princípio espiritual. Marchamos para o mesmo fim por estradas diferentes, mas convergindo para um ponto comum e se aproximando cada vez mais pelas idéias; algumas dissidências sobre questões de detalhe não nos devem impedir de nos estendermos a mão.

Nesses tempos de efervescência e de aspiração para um melhor estado de coisas, cada um traz sua pedra para a edificação do mundo novo; cada um trabalha de seu lado, com os meios que lhe são próprios; o Espiritismo traz seu contingente, que ainda não está completo; mas como não é exclusivo, não rejeita nenhum concurso; aceita o bem, que pode servir à grande causa da Humanidade, venha de onde viver, ainda mesmo que dos seus adversários.

Como dissemos no começo, não empreenderemos a refutação da teoria exposta no *Solidarité* sobre a fonte das manifestações inteligentes; sobre isto diremos apenas algumas palavras.

Como se vê, essa teoria não é outra senão um dos primeiros sistemas surgidos na origem do Espiritismo, quando a experiência ainda não havia elucidado a questão. Ora, é notório que tal opinião está hoje reduzida a algumas raras individualidades. Se verdadeira, por que não teria prevalecido? Como é que milhões de

espíritas, que há quinze anos experimentam no mundo inteiro e em todas as línguas, que se recrutam, em sua maioria, na classe esclarecida, que contam em suas fileiras homens de saber e de incontestável valor intelectual, tais como médicos, engenheiros, magistrados, etc., tenham constatado a realidade das manifestações, se ela não existisse? Pode-se admitir razoavelmente que todos se tenham iludido? Que não se tenham encontrado entre eles homens dotados de bastante bom-senso e perspicácia para reconhecer a verdadeira causa? Como dissemos, essa teoria não é nova e não passou inapercebida entre os espíritas; ao contrário, tem sido seriamente meditada e explorada por eles, e é precisamente porque a viram desmentida pelos fatos, impotente para os explicar todos, que foi abandonada.

É grave erro crer que os espíritas tenham vindo com a idéia preconcebida da intervenção dos Espíritos nas manifestações; se foi assim com alguns, a verdade é que o maior número não chegou à crença senão depois de ter passado pela dúvida ou pela incredulidade.

É igualmente um erro crer que, sem o *a priori* da crença nos Espíritos, jamais se tivessem decidido a fazer girar as mesas. O fenômeno das mesas girantes e falantes era conhecido no tempo de Tertuliano e, na China, desde tempos imemoriais. Na Tartária e na Sibéria conheciam as *mesas volantes*.³⁰ Em certas províncias da Espanha servem-se de peneiras, suspensas pelas pontas de tesouras. Os que interrogam julgam que são os Espíritos que respondem? Absolutamente; perguntai-lhes o que é e eles nada sabem: é a mesa, é a peneira, dotada de uma força desconhecida; interrogam esses movimentos como os da varinha de condão, sem ir além do fato material.

Os fenômenos espíritas modernos não começaram pelas mesas, mas por pancadas *espontâneas*, dadas nas paredes e nos

móveis; esses ruídos causaram espanto, surpreenderam; seu modo de percussão tinha algo de insólito, um caráter intencional, uma persistência que parecia chamar a atenção para um determinado ponto, como quando alguém bate para advertir. Os primeiros movimentos de mesas ou outros objetos foram igualmente espontâneos, como ainda hoje o são em certos indivíduos que não têm qualquer conhecimento do Espiritismo. Dá-se aqui como na maior parte dos fenômenos naturais, que se produzem diariamente e, todavia, passam despercebidos, ou cuja causa fica ignorada, até o momento em que observadores sérios e mais esclarecidos lhes prestam atenção, estudam-nos e os exploram.

Assim, de duas teorias contrárias, nascidas na mesma época, uma cresce com o tempo, por força da experiência, e se generaliza, ao passo que a outra se extingue. Em favor de qual há presunção de verdade e de sobrevivência? Não damos isto como prova, mas como um fato que merece ser levado em consideração.

O Sr. Fauvety apóia-se em que nada encontrou nas comunicações mediúnicas que ultrapasse o alcance do cérebro. Eis ainda aí uma velha objeção cem vezes refutada pela própria Doutrina Espírita. Alguma vez o Espiritismo teria dito que os Espíritos fossem seres fora da Humanidade? Ao contrário, ele vem *destruir o preconceito* que deles faz seres excepcionais, anjos ou demônios, intermediários entre o homem e a Divindade, espécies de semideuses.

Repousa sobre o princípio de que os Espíritos não são outros senão homens despojados de seu invólucro material; que o mundo visível transborda incessantemente, pela morte, no mundo invisível, e este no mundo carnal, pelos nascimentos.

Desde que os Espíritos pertencem à Humanidade, por que haveriam de querer que tivessem uma linguagem sobre-humana? Sabemos que alguns dentre eles não sabem mais, e por

vezes muito menos que certos homens, pois que se instruem com esses últimos; os que eram incapazes de fazer obras-primas quando vivos, não as farão como Espíritos; o Espírito de um hotentote não falará como um acadêmico, e o Espírito de um acadêmico, que não passa de um ser humano, não falará como um deus.

Não é, pois, na excentricidade de suas idéias e de seus pensamentos, na superioridade excepcional de seu estilo que se deve buscar a prova da origem espiritual das comunicações, mas nas circunstâncias que atestam que, numa multidão de casos, o pensamento não pode vir de um encarnado, mesmo que fosse da última trivialidade.

Desses fatos ressalta a prova da existência do mundo invisível, no meio do qual vivemos, e por isto os Espíritos do mais baixo estágio o provam tão bem quanto os mais elevados. Ora, a existência do mundo invisível em meio de nós, parte integrante da Humanidade terrestre, desaguadouro das almas desencarnadas e fonte das almas encarnadas, é um fato capital, imenso; é toda uma revolução nas crenças; é a chave do passado e do futuro do homem, que em vão buscaram todos os filósofos, como os sábios buscaram em vão a chave dos mistérios astronômicos antes de conhecer a lei da gravitação. Que se acompanhe a fieira das conseqüências forçadas desse único fato: a existência do mundo invisível em torno de nós, e se chegará a uma transformação completa, inevitável, nas idéias, à destruição dos preconceitos e dos abusos delas decorrentes e, por conseqüência, a uma modificação das relações sociais.

Eis aonde leva o Espiritismo. Sua doutrina é o desenvolvimento, a dedução das conseqüências do fato principal, cuja existência acaba de revelar. Essas conseqüências são inumeráveis, porque, pouco a pouco, tocam em todos os ramos da ordem social, tanto no físico quanto no moral. É o que compreendem todos os que se deram ao trabalho de o estudar

seriamente, e que compreenderão ainda melhor mais tarde, mas não os que, só lhe tendo visto a superfície, imaginam que ele esteja todo inteiro numa mesa que gira ou nas perguntas pueris sobre a identidade dos Espíritos.

Para maiores desenvolvimentos sobre certas questões tratadas neste artigo, remetemos ao primeiro capítulo de *A Gênese*: “Caráter da revelação espírita”.³¹

O Partido Espírita

Um dos nossos correspondentes de Sens nos transmitiu as observações seguintes, sobre a qualificação de *partido*, dada ao Espiritismo, a propósito de nosso artigo do mês de julho sobre o mesmo assunto.

“Num artigo do último número da Revista, intitulado: *O partido espírita*, dizeis que, uma vez que assim nomeiam o Espiritismo, ele o aceita. Mas deve aceitá-lo?

Isto talvez mereça um exame sério.

“Todas as religiões, assim como o Espiritismo, não ensinam que todos os homens são irmãos, que são todos filhos de um pai comum, que é Deus? Ora, deveria haver partidos entre os filhos de Deus? Não é uma ofensa ao Criador? porque é próprio dos partidos armar os homens uns contra os outros; e pode a imaginação conceber maior crime que armar os filhos de Deus uns contra os outros?

“Tais são, senhor, as reflexões que julguei dever submeter à vossa apreciação. Talvez fosse oportuno submetê-las, também, à dos benevolentes Espíritos que guiam os trabalhos do

31 Publicado em brochura separada. Preço: 15 c.; pelo correio: 20 c.

Espiritismo, a fim de conhecer a sua opinião. Essa questão talvez seja mais grave do que parece à primeira vista. De minha parte, repugnar-me-ia pertencer a um partido. Creio que o Espiritismo deve considerar os partidos como uma ofensa a Deus.”

Estamos perfeitamente de acordo com o nosso honrado correspondente, cuja intenção só podemos louvar. Contudo, cremos que seus escrúpulos são um pouco exagerados no caso de que se trata, sem dúvida por não ter examinado suficientemente a questão.

A palavra *partido* implica, por sua etimologia, a idéia de divisão, de cisão e, por conseguinte, a de luta, de agressão, de violência, de intolerância, de ódio, de animosidade, de vingança, coisas todas contrárias ao espírito do Espiritismo. Não tendo o Espiritismo nenhum desses caracteres, pois que os repudia, por suas tendências mesmas, não é um partido na acepção vulgar da palavra, e nosso correspondente tem muitíssima razão para repelir a qualificação deste ponto de vista.

Mas ao nome de *partido* se liga também a idéia de uma força, física ou moral, bastante forte para pesar na balança, bastante preponderante para que se possa contar com ela; aplicando-o ao Espiritismo, pouco ou nada conhecido, é dar-lhe um ato de notória existência, uma posição entre as opiniões, constatar a sua importância e, como consequência, provocar o seu exame, o que ele não cessa de pedir. Sob esse aspecto, devia repudiar tanto menos essa qualificação, embora fazendo reservas sobre o sentido a ligar a isto, quanto, partida do alto, ela dava um desmentido oficial aos que pretendem que o Espiritismo seja um mito sem consistência, que se gabavam de o haver enterrado vinte vezes. Foi possível julgar do alcance desta palavra pelo ardor desajeitado com o qual certos órgãos da imprensa dela se apoderam para transformá-la num espantalho.

É por esta consideração, e neste sentido, que dissemos que o Espiritismo aceita o título de partido, já que lho dão, porque era engrandecê-lo aos olhos do público; mas não tivemos em vista fazê-lo perder sua qualidade essencial, a de doutrina filosófica moralizadora, que faz sua glória e a sua força. Longe de nós, pois, o pensamento de transformar em *partidários* os adeptos de uma doutrina de paz, de tolerância, de caridade e de fraternidade. A palavra *partido*, aliás, nem sempre implica a idéia de luta, de sentimentos hostis; não se diz: o partido da paz? o partido das pessoas honestas? O Espiritismo já provou, e provará sempre, que pertence a esta categoria.

Quanto ao mais, faça o que fizer, o Espiritismo não pode deixar de ser um partido. Com efeito, que é um partido, abstração feita da idéia de luta? é uma opinião que não é partilhada senão por *uma parte* da população. Mas essa qualificação só é dada às opiniões que contam um número de aderentes bastante considerável para chamar a atenção e representar um papel. Ora, não sendo ainda de todos, a opinião espírita é, necessariamente, um partido em relação às opiniões contrárias, que o combatem, até que os tenha unido a todos. Em virtude de seus princípios, ele não é agressivo; não se impõe; não subjuga; não pede para si senão a liberdade de pensar à sua maneira, seja; mas, desde que é atacado, tratado como pária, deve defender-se e reivindicar para si o que é de direito comum; ele o deve, é seu dever, sob pena de ser acusado de renegar sua causa, que é a de todos os seus irmãos em crença, que não poderia abandonar sem cobardia. Entra, pois, forçosamente na luta, por maior repugnância que experimente; não é inimigo de ninguém, é verdade, mas tem inimigos que procuram esmagá-lo; é por sua firmeza, por sua perseverança e por sua coragem que se lhes imporá; suas armas são completamente diversas das dos adversários, também é verdade; mas não deixa de ser para eles, e apesar deles, um partido, pois não lhe teriam dado este título se não o tivessem julgado bastante forte para os contrabalançar.

Tais são os motivos pelos quais julgamos que o Espiritismo podia aceitar a qualificação de partido, que lhe era dado por seus antagonistas, sem que o tenha tomado por si mesmo, porque era aceitar o repto que lhe era lançado. Pensamos que o podia, sem repudiar os seus princípios.

Perseguições

Pelo fim de 1864 foi pregada uma perseguição contra o Espiritismo em várias cidades do Sul, e seguida de alguns efeitos. Eis um extrato de um desses sermões, que nos foi enviado na ocasião, com todas as indicações necessárias para lhe constatar a autenticidade. Apreciarão nossa reserva em não citar os lugares, nem as pessoas:

“Fugi, cristãos, fugi desses homens perdidos e dessas mulheres más, que se entregam a práticas que a Igreja condena! Não tenhais nenhuma relação com esses loucos e essas loucas; abandonai-os a um insulamento absoluto. Fugi deles como de criaturas perigosas. Não os suporteis ao vosso lado e expulsai-os do lugar santo, cujo acesso é interdito em razão de sua indignidade.

“Vede esses homens *perdidos* e essas mulheres *más*, que se ocultam na sombra, e que se reúnem em segredo para propagarem suas ignóbeis doutrinas, segui-os comigo em seus *covis*; não se diriam conspiradores de baixa condição, deleitando-se nas trevas para aí formarem seus infames complôs? Conspiram claramente, com efeito, ajudados por Satã, contra a nossa santa mãe Igreja, que Jesus estabeleceu para reinar na Terra. Que fazem ainda esses homens ímpios e essas mulheres sem vergonha? *Blasfemam Deus*; negam as sublimes verdades que, durante séculos, inspiraram o mais profundo respeito aos seus antepassados; adornam-se com uma falsa caridade, que só conhecem de nome, e dela se servem como manto para ocultar sua *ambição!* *Introduzem-se, como lobos*

rapaces, em vossas residências para seduzir vossas filhas e vossas mulheres e vos perder a todos para sempre; mas vós os expulsareis de vossa presença como seres malfeitores!

“Compreendestes, cristãos, quais são os que assinalo à vossa reprovação? São os *espíritas!* E por que não os indicaria eu? É tempo de os repelir e de amaldiçoar as suas doutrinas infernais!”

Os sermões deste gênero estavam na ordem do dia naquela época. Se exumamos este documento dos nossos arquivos, após quatro anos, é para responder à qualificação de *partido perigoso*, dada nestes últimos tempos aos espíritas por certos órgãos da imprensa. Na circunstância precitada, de que lado estava a agressão, a provocação, numa palavra, o espírito de partido? Podia-se levar mais longe a excitação ao ódio dos cidadãos uns contra os outros, à divisão das famílias? Tais pregações não lembram as da época desastrosa em que essas mesmas regiões eram ensangüentadas pelas guerras de religião, em que o pai estava armado contra o filho e o filho contra o pai? Não os julgamos do ponto de vista da caridade evangélica, mas do da prudência. É de boa política excitar assim as paixões fanáticas numa região onde o passado ainda está tão vivaz? onde a autoridade muitas vezes tem dificuldade em prevenir os conflitos? É prudente aí exhibir novamente os pomos da discórdia? Então queriam renovar aí a cruzada contra os albigenses e a guerra das Cevenas? Se semelhantes sermões tivessem sido pregados contra os protestantes, represálias sangrentas teriam sido inevitáveis. Hoje se agarram ao Espiritismo porque, não tendo ainda existência legal, julgam que tudo é permitido a seu respeito.

Pois bem! qual tem sido, em todos os tempos, a atitude dos espíritas, diante dos ataques de que foi objeto? A de calma e de moderação. Não se deveria bendizer uma doutrina cuja força é bastante grande para pôr um freio às paixões turbulentas e vingativas? Notai, no entanto, que em parte alguma os espíritas formam um corpo constituído; que não estão arrematados em

congregações obedientes a uma palavra de ordem; que entre eles não há qualquer filiação patente ou secreta; eles sofrem, muito simplesmente e individualmente, a influência de uma idéia filosófica, e esta idéia, livremente aceita pela razão, e não imposta, é suficiente para modificar suas tendências, porque têm consciência de estar certos. Vêem esta idéia crescer sem cessar, infiltrar-se em toda parte, cada dia ganhar terreno; têm fé no seu futuro, porque ela é segundo os princípios da eterna justiça, responde às necessidades sociais e se identifica com o progresso, cuja marcha é irresistível. Eis por que são calmos diante dos ataques de que ela é objeto; acreditariam dar uma prova de desconfiança em sua força, se a sustentassem pela violência e por meios materiais. Riem-se desses ataques, pois não têm como resultado senão propagá-la mais rapidamente, atestando a sua importância.

Mas os ataques não se limitam à idéia. Embora a cruzada contra os espíritas já não seja pregada abertamente, como o era há alguns anos, seus adversários não se tornaram mais benevolentes, nem mais tolerantes; a perseguição não é menos exercida, na ocasião, astutamente contra os indivíduos que ela atinge, não só na sua liberdade de consciência, que é um direito sagrado, mas mesmo em seus interesses materiais. Em falta de razão, os adversários do Espiritismo ainda esperam derrubá-lo pela calúnia e pela repressão. Sem dúvida se equivocam, mas, enquanto esperam, fazem algumas vítimas. Ora, não é preciso dissimular que a luta não terminou; os adeptos devem, pois, armar-se de coragem para marchar com firmeza na via que lhes é traçada.

É não só em vista do presente, mas, sobretudo, na previsão do futuro, que julgamos por bem reproduzir a instrução que se segue, sobre a qual chamamos seriamente a atenção dos adeptos. Além disso, ela é um desmentido dado aos que buscam representar o Espiritismo como um partido perigoso para a ordem social. Praza a Deus que todos os partidos não obedçam senão a semelhantes inspirações: a paz não tardaria a reinar na Terra.

(Paris, 10 de dezembro de 1864 – Médiun: Sr. Delanne)

Meus filhos: Estas perseguições, como tantas outras, cairão e não podem ser prejudiciais à causa do Espiritismo. Os Espíritos bons velam pela execução das ordens do Senhor; nada tendes a temer. Contudo, é uma advertência para vos manterdes em guarda e agir com prudência. É uma tempestade que rebenta, porque deveis esperar e ver rebentar muitas outras, conforme vos temos anunciado, pois não deveis pensar que os vossos inimigos se dêem facilmente por vencidos. Não; eles lutarão passo a passo, até se convencerem de sua impotência. Deixai, pois, que lancem o seu veneno, sem vos inquietardes com o que possam dizer, porque bem sabeis que nada podem contra a Doutrina que, a despeito de tudo, deve triunfar. Eles bem o sentem, e é isto que os exaspera e redobra o seu furor.

É preciso esperar que na luta eles façam algumas vítimas, mas aí estará a prova pela qual o Senhor reconhecerá a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Que mérito teríeis em triunfar sem esforço? Como valentes soldados, os feridos serão os mais recompensados. E que glória para os que saírem da refrega mutilados e cobertos de honrosas cicatrizes! Se um povo inimigo viesse invadir o vosso país, não sacrificaríeis os vossos bens, a vossa vida por sua independência? Por que, então, vos lamentaríeis de alguns arranhões que recebeis numa luta cujo desfecho inevitável conheceis, e na qual estais certo da vitória? Agradecei, pois, a Deus por vos haver colocado na linha de frente, para que sejais dos primeiros a recolher as palmas gloriosas, que serão o prêmio de vosso devotamento à santa causa. Agradecei aos vossos perseguidores, que vos permitem mostrar a vossa coragem e adquirir mais mérito. Não vades ao encontro da perseguição, não a busqueis; mas se ela vier, aceitai-a como uma das provas da vida, porque é uma delas, e das mais proveitosas ao vosso avanço, conforme a maneira pela qual a suportardes. Dá-se nesta prova como em todas as outras: por vossa conduta podeis fazer que ela seja fecunda, ou sem frutos para vós.

Vergonha aos que tiverem recuado e preferido o repouso da Terra ao que lhe estava preparado, porque o Senhor fará a conta de seus sacrifícios. Ele lhes dirá: “Que pedis, vós que nada perdestes, nada sacrificastes? que não renunciastes nem a uma noite do vosso sono, nem a um pouco de vossa mesa, nem deixastes um pedaço de vossas roupas no campo de batalha? Que fizestes durante esse tempo, enquanto os vossos irmãos iam ao encontro do perigo? Mantiveste-vos afastados, para deixar passar a tempestade e vos mostrar depois do perigo, ao passo que os vossos irmãos enfrentavam todas as dificuldades.”

Pensai nos mártires cristãos! Eles não tinham, como vós, comunicações incessantes do mundo invisível para reanimar a sua fé e, contudo, não recuavam ante o sacrifício, nem de sua vida, nem de seus bens. Aliás, o tempo dessas provas cruéis já passou; os sacrifícios sangrentos, as torturas, as fogueiras não se repetirão mais; vossas provas são mais morais do que materiais; serão, por conseguinte, menos penosas, mas não serão menos meritórias, porque tudo está proporcionado ao tempo. Hoje é o espírito que domina; eis por que o espírito sofre mais que o corpo. A predominância das provas espirituais sobre as provas materiais é um indício do adiantamento do espírito. Aliás, sabeis que muitos dos que sofreram pelo Cristianismo vêm concorrer para o coroamento da obra, e são os que sustentam a luta com mais coragem; assim, vêm juntar mais uma palma às que já haviam conquistado.

O que vos digo, meus amigos, não é para vos decidir a entrar estouvadamente na peleja e com a cabeça baixa. Não; ao contrário, vos digo: Agi com prudência e circunspeção, no interesse mesmo da Doutrina, que teria de suportar um zelo irrefletido; mas se um sacrifício for necessário, fazei-o sem murmurar e pensai que uma perda temporal nada é ao lado da compensação que por isso recebereis.

Não vos inquieteis com o futuro da Doutrina. Entre os que a combatem hoje, mais de um será o seu defensor amanhã. Os adversários se agitam; em dado momento quererão reunir-se para desferir um grande golpe e derrubar o edifício começado, mas seus esforços serão vãos e far-se-á a divisão em suas fileiras. Aproximam-se os tempos em que os acontecimentos favorecerão a eclosão do que semeais. Considerai a obra na qual trabalhais, sem vos preocupardes com o que possam dizer ou fazer. Vossos inimigos fazem tudo o que podem para vos levar além dos limites da moderação, a fim de poder dar um pretexto às suas agressões; seus insultos não têm outro objetivo, mas a vossa indiferença e vossa longanimidade os confundem. À violência, continuai, pois, a opor a doçura e a caridade; fazei o bem aos que vos querem mal, a fim de que possam distinguir, mais tarde, o verdadeiro do falso. Tendes uma arma poderosa: a do raciocínio. Servi-vos dela, mas não a mancheis jamais pela injúria, o supremo argumento dos que não têm boas razões para dar; esforçai-vos, enfim, pela dignidade de vossa conduta, para fazer respeitar em vós o título de espírita.

São Luís

Espiritismo Retrospectivo

A MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA EM 1706

(Em casa do duque de Orléans)

Pode-se compreender, sob o título geral de *Espiritismo retrospectivo*, os pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os fatos espíritas anteriores ao *Espiritismo moderno*, isto é, até 1850, época na qual começaram as observações e os estudos sobre essas espécies de fenômenos. Não foi senão em 1857 que tais observações foram coordenados em corpo de doutrina metódica e filosófica. Esta divisão nos parece útil à história do Espiritismo.

*O fato seguinte é relatado nas Memórias do duque de Saint-Simon:*³²

“Lembro-me também de uma coisa que ele (o duque de Orléans) me contou no salão de Marly, quando de sua saída para a Itália, cuja singularidade, verificada pelo acontecimento, leva-me a não a omitir. Ele era curioso por todas as sortes de artes e de ciências e, com muitíssimo espírito, tivera em toda a sua vida a fraqueza tão comum na corte dos filhos de Henrique II, que Catarina de Médicis tinha, entre outros males, trazido da Itália. Tanto quanto era possível, ele tinha procurado ver o diabo, sem o ter conseguido, conforme me disse muitas vezes, e ver coisas extraordinárias e saber o futuro. La Sery tinha em casa uma filha de oito ou nove anos, aí nascida e que daí nunca havia saído, e que tinha a ignorância e a simplicidade dessa idade e dessa educação. Entre outros velhacos de curiosidades ocultas, dos quais o Sr. duque de Orléans tinha visto muitos em sua vida, apresentaram-lhe um que pretendia fazer ver, num copo cheio d’água, tudo quanto se quisesse saber. Ele pediu a alguém jovem e inocente para aí olhar, e essa pequena foi julgada adequada. Então se divertiram em querer saber o que se passava naquele momento em dois lugares afastados, e a menina via e descrevia o que estava vendo. Aquele homem pronunciava baixinho alguma coisa sobre o copo d’água e logo aí olhavam com sucesso.

“Os embustes de que tantas vezes tinha sido vítima o duque de Orléans, levaram-no a uma prova que pudesse tranqüilizá-lo. Ordenou baixinho, ao ouvido de um de seus servos, que fosse imediatamente à casa da Sra. Nancré, ali examinasse quem estava, o que fazia, a posição e o mobiliário do quarto, bem como a situação de tudo que ali se passava e, sem perder um instante, nem falar a ninguém, vir dizer-lhe ao ouvido. Num abrir e fechar de olhos a missão foi executada, sem que ninguém se apercebesse do que era, permanecendo a menina sempre no quarto.

32 Ver o número de junho de 1868.

Desde que o Sr. duque de Orléans foi informado, pediu à menina que visse quem estava em casa da Sra. de Nancré e o que ali se passava. Logo ela lhe contou palavra por palavra tudo o que tinha visto o enviado do Sr. duque de Orléans. A descrição do rosto, das figuras, das roupas, das pessoas que ali estavam, sua situação no quarto, as pessoas que jogavam em duas mesas diferentes, as que olhavam ou conversavam, sentadas ou de pé, a disposição dos móveis, numa palavra, tudo. Num instante o Sr. duque de Orléans lá mandou Nancré, que relatou ter encontrado tudo como a menina havia dito e como o laçao que lá tinha estado havia contado ao ouvido do Sr. duque de Orléans.

“Ele quase não me falava dessas coisas, porque eu tomava a liberdade de o envergonhar. Tomei a de o *injuriar* neste caso e de lhe dizer que julgava poder desviá-lo de ter fé e se divertir com esses sortilégios, sobretudo numa ocasião em que ele devia ter o espírito ocupado com tantas coisas importantes. ‘Isto não é tudo, disse-me ele, e não vos contei isto senão para chegar ao resto.’ E, imediatamente, contou-me que, encorajado pela exatidão do que vira a menina no quarto da senhora de Nancré, ele quisera ver algo de mais importante, e o que se passaria à morte do rei, mas sem pesquisar a data, que não se podia ver no copo. Então perguntou de chofre à menina, que jamais ouvira falar de Versalhes, nem visto ninguém da corte, senão ele. Ela olhou e lhe explicou demoradamente tudo o que via. Fez com exatidão a descrição do quarto do rei em Versalhes e o mobiliário que, de fato, ali se achava por ocasião de sua morte. Ela o descreveu perfeitamente em seu leito, e que se achava no quarto, perto da cama, um menino comportado, seguro pela senhora de Ventadour, com o que gritou, porque a tinha visto na casa da senhorita de Sery. Ela lhes deu a conhecer madame de Maintenon, o rosto singular de Fayon, a Sra. duquesa de Orléans, a Sra. duquesa e a Sra. princesa de Conti; gritou ao Sr. duque de Orléans; numa palavra, deu-lhe a conhecer o que ali via de príncipes, de senhores, de domésticos, de laçaios. Quando acabou

de dizer tudo, surpreso por que ela não lhe tinha referido ‘Monseigneur’, monsenhor o duque de Bourgogne, monsenhor o duque de Berry, perguntou-lhe se não via tais e tais figuras. Ela respondeu constantemente que não e repetiu as que via. Era o que o Sr. duque de Orléans não podia compreender e de que se admirou muito comigo, em vão procurando a razão.

“O acontecimento o explicou. Estava-se, então, em 1706. Os quatro estavam então cheios de vida e de saúde, e os quatro tinham morrido antes do rei. Foi a mesma coisa com o Sr. príncipe, com o Sr. duque e o Sr. príncipe de Conti, que ela não viu, enquanto viu os filhos dos dois últimos, o Sr. du Maine, os seus, e o Sr. conde de Toulouse. Mas até o acontecimento isto ficou na obscuridade. Terminada esta curiosidade, o Sr. duque de Orléans quis saber o que aconteceria consigo. Então não foi mais o copo d’água. O homem que lá estava ofereceu-lhe para lhe mostrar, como se pintado na parede da sala, desde que ela não tivesse medo de ver; e ao cabo de um quarto de hora de algumas afetações diante de todos, a figura do Sr. duque de Orléans, vestido como estava então e em tamanho natural, apareceu de repente na parede, como em pintura, com uma coroa na cabeça. Nem era da França, nem da Espanha, nem da Inglaterra, nem imperial; o Sr. duque de Orléans, que a considerou com os olhos arregalados, jamais pôde adivinhá-la e jamais tinha visto uma semelhante; tinha apenas quatro círculos e nada no topo. Essa coroa lhe cobria a cabeça.

“Da obscuridade precedente e desta, aproveitei a ocasião para lhe mostrar novamente a vaidade dessas espécies de curiosidades, as justas ilusões do diabo, que Deus permite para punir curiosidades, que proíbe, o nada e as trevas que daí resultam, em vez da luz e da satisfação que nelas se buscam. Seguramente ele estava bem longe de ser regente do reino e de o imaginar. Talvez fosse o que lhe anunciava essa coroa singular. Tudo isto se passara em Paris, em casa de sua amante, em presença de sua mais estreita intimidade, na véspera do dia em que mo contou, e eu o achei tão

extraordinário que aqui lhe dei lugar, não para o aprovar, mas para o registrar.”

A veracidade do duque de Saint-Simon é tanto menos suspeita quanto ele se opunha a essas espécies de idéias; não se pode, pois, duvidar que tenha registrado fielmente o relato do duque de Orléans. Quanto ao fato em si mesmo, não é provável que o duque o tivesse inventado ou exagerado. Os fenômenos que se produzem em nossos dias, aliás, provam a sua possibilidade; o que, então, passava por algo de maravilhoso, é agora um fato muito natural. Certamente não se o pode levar à conta da imaginação da menina que, desconhecida do indivíduo, não lhe podia servir de comparsa. As palavras pronunciadas sobre o copo d’água não tinham, provavelmente, outro objetivo senão dar ao fenômeno uma aparência misteriosa e cabalística, segundo as crenças da época; mas podiam muito bem exercer uma ação magnética inconsciente, e isto com tanto mais razão quanto aquele homem parecia dotado de uma vontade enérgica. Quanto ao fato do quadro que ele fez aparecer na parede, até o momento não se lhe pode dar nenhuma explicação.

Aliás, a magnetização prévia da água não parece ser indispensável. Um dos nossos correspondentes da Espanha nos citava, há alguns dias, o seguinte fato, que se passara sob os seus olhos há cerca de quinze anos, numa época e numa região onde o Espiritismo era desconhecido e quando ele mesmo levava a incredulidade até os últimos limites. Em sua família tinham ouvido falar da faculdade que têm certas pessoas de ver numa garrafa cheia d’água, e a isso não ligavam mais importância do que às credices populares. Não obstante, quiseram experimentar por curiosidade. Uma moça, após um instante de concentração, viu um parente dele, do qual fez o retrato exato; viu-o numa montanha, a algumas léguas dali, onde não podiam supor que estivesse, depois descer num barranco, subir de novo, fazer diversas idas e vindas. Quando o indivíduo regressou e lhe disseram de onde vinha e o que tinha

feito, ficou muito surpreso, pois não havia comunicado a ninguém a sua intenção. Ainda aqui a imaginação está completamente fora de causa, porque o pensamento de nenhum dos assistentes podia agir sobre o espírito da moça.

Sendo a influência da imaginação a grande objeção que opõem a esse gênero de fenômenos, como a todos os da mediunidade em geral, não se poderiam colher com muito cuidado os casos em que é demonstrado que essa influência não se pode dar. O fato seguinte é um exemplo não menos concludente.

Outro assinante nosso de Palermo, na Sicília, esteve ultimamente em Paris; em sua ausência, a filha, que jamais veio a Paris, recebeu o número da Revista, onde se trata do copo d'água; quis experimentar, e seu desejo era ver o pai. Não o viu, mas viu várias ruas que, pela descrição que fez ao lhe escrever, ele reconheceu facilmente como sendo as ruas da Paz, Castiglione e Rivoli. Ora, essas ruas eram precisamente aquelas por onde ele havia passado no mesmo dia em que a experiência foi feita. Assim, aquela jovem senhora não vê o pai, que conhece, que deseja ver, sobre o qual concentra o pensamento, ao passo que vê o caminho que ele percorreu, e que ela não conhecia. Que razão dar a essa bizarrice? Os Espíritos nos disseram que as coisas se haviam passado dessa maneira para dar uma prova irrecusável de que a imaginação nada tinha a ver com o caso.

Pelas reflexões que seguem, completaremos o que temos dito sobre o mesmo assunto no número de junho.

O copo, com ou sem água, assim como a garrafa, evidentemente representam, neste fenômeno, o papel de agentes *hipnóticos*; a concentração da vista e do pensamento em um ponto provoca um maior ou menor desprendimento da alma e, em consequência, o desenvolvimento da visão psíquica. (Vide a *Revista* de janeiro de 1860: *Detalhes sobre o hipnotismo*.)

Esse gênero de mediunidade pode levar a modos especiais de manifestações, a percepções novas; é um meio a mais de constatar a existência e a independência da alma e, por isto mesmo, um assunto de estudo muito interessante; mas, como dissemos, seria erro pensar que aí esteja um meio melhor que outro de saber tudo quanto se deseja, porque há coisas que nos devem ficar ocultas, ou que não podem ser reveladas senão na ocasião certa. Quando é chegado o momento de as conhecer, fica-se sabendo por uma das mil maneiras de que dispõem os Espíritos, quer se seja ou não espírita; mas o copo d'água não é mais eficaz que um outro. Pelo fato de os Espíritos se haverem dele servido para dar conselhos salutareos para a saúde, não se segue que seja um processo infalível para triunfar de todos os males, mesmo dos que não devem ser curados. Se uma cura for possível pelos Espíritos, estes últimos darão seus conselhos por um meio mediúnico qualquer e por qualquer médium apto para esse gênero de comunicação. A eficácia está na prescrição, e não na maneira por que é dada.

O copo d'água também não é uma garantia contra a intromissão dos Espíritos maus; a experiência já provou que os Espíritos mal-intencionados se servem desse meio como de outros para induzir em erro e abusar da credulidade. Em que seria possível opor-lhes um obstáculo mais poderoso? Temo-lo dito muitas vezes, e nunca o repetiremos em demasia: *Não há mediunidade ao abrigo dos Espíritos maus, e não existe nenhum processo material para os afastar.* O melhor, o único preservativo está em si próprio; é por sua própria depuração que se os afasta, como pela limpeza do corpo se preserva contra os insetos nocivos.

A REENCARNAÇÃO NO JAPÃO

São Francisco Xavier e o bonzo japonês

O relato seguinte é extraído da história de São Francisco Xavier, pelo padre Bouhours. É uma discussão teológica

entre um bonzo japonês, chamado Tucarondono, e São Francisco Xavier, então missionário no Japão.

“Não sei se me conheces ou, melhor dizendo, se me reconheces, disse Tucarondono a Francisco Xavier. – Não me lembro de vos ter visto alguma vez, respondeu-lhe este.

“Então o bonzo, rebentando de riso, e se voltando para outros bonzos, seus confrades, que trouxera consigo: Bem vejo, disse-lhes, que não teria dificuldade em vencer um homem que tratou comigo mais de cem vezes, e que dá mostras de jamais me ter visto. Em seguida, olhando Xavier com um sorriso de desprezo: Nada te resta das mercadorias que me vendestes no porto de Frénasoma?

“Em verdade, replicou Xavier com uma expressão sempre serena e modesta, em minha vida não fui negociante e jamais estive em Frénasoma. – Ah! que esquecimento e que tolice! replicou o bonzo, fazendo-se de admirado e continuando suas risadas: – Que! é possível que tenhas esquecido isto? – Avivai-me a lembrança, prosseguiu docemente o Pai, vós que tendes mais espírito e mais memória que eu. – Bem que o quero, disse o bonzo, todo orgulhoso do elogio que Xavier lhe havia feito. Há exatamente mil e quinhentos anos, tu e eu éramos mercadores, fazíamos o nosso comércio em Frénasoma, e te comprei cem peças de seda muito barato. Lembras-te agora?

“O santo avaliou até onde queria chegar o bonzo e lhe perguntou, honestamente, que idade tinha. – Tenho cinqüenta e dois anos, disse Tucarondono. – Como é possível, redargüiu Xavier, que fosses mercador há quinze séculos, se não estais no mundo senão há meio século, e que negociássemos naquele tempo, em Frénasoma, se vós e a maioria dos outros bonzos ensinais que o Japão não passava de um deserto há mil e quinhentos anos?

“Escuta-me, disse o bonzo: tu ouvirás os oráculos e concordarás que temos mais conhecimento das coisas passadas, do que vós outros o tendes das coisas presentes.

“Deves, pois, saber, que o mundo jamais teve começo, e que as almas, a bem dizer, não morrem. *A alma se desprende do corpo onde estava encerrada; busca outro, novo e vigoroso, onde renascemos, ora com o sexo mais nobre, ora com o sexo imperfeito,* conforme as diversas constelações do céu e os diferentes aspectos da Lua. Essas mudanças de nascimento fazem que também mudem as nossas sortes. Ora, é a recompensa dos que viveram santamente ter a lembrança fresca de todas as vidas que se levou nos séculos passados e de se representar em si mesmo todo inteiro, tal qual se foi desde a eternidade, sob a forma de príncipe, de mercador, de homem de letras, de guerreiro e sob outras figuras. Ao contrário, quem quer que, como tu, saiba tão pouco seus próprios negócios, ignore o que foi e o que fez durante uma infinidade de séculos, mostra que seus crimes o tornaram digno da morte tantas vezes, que perdeu a lembrança das vidas que mudou.”

Observação – Não se pode supor que Francisco Xavier tenha inventado esta história, que não lhe era favorável, nem suspeitar da boa-fé de seu historiador, o padre Bouhours. Por outro lado, não é menos certo que era uma armadilha estendida ao missionário pelo bonzo, pois sabemos que a lembrança das existências anteriores é um caso excepcional e que, em todo o caso, jamais comporta detalhes tão precisos. Mas o que ressalta do fato é que a doutrina da reencarnação existia no Japão naquela época, em condições idênticas, salvo a intervenção das constelações e da Lua, às que hoje são ensinadas pelos Espíritos. Uma outra similitude não menos notável, é a idéia de que a precisão da lembrança é um sinal de superioridade; com efeito, os Espíritos nos dizem que nos mundos superiores à Terra, onde o corpo é menos material e a alma encontra-se num estado normal de desprendimento, a lembrança do passado é uma faculdade comum a todos; aí a gente se lembra

das existências anteriores, como nos lembramos dos primeiros anos da nossa infância. É bem evidente que os japoneses não chegaram a este grau de desmaterialização, que não existe na Terra, mas o fato prova que dele têm a intuição.

Carta do Sr. Monico

AO JORNAL *MAHOUNA*, DE GUELMA, ARGÉLIA

O jornal *Mahouna* de 26 de junho de 1868 publicou a carta seguinte, que reproduzimos com prazer, dirigindo ao autor nossas mais sinceras felicitações.

“Senhor diretor,

“Acabo de ler um artigo no *Indépendant*, de Constantina, de 20 do corrente, apreciando o papel pouco delicado que teria representado um certo Sr. Home, segundo esse jornal (na Inglaterra), começando por estas linhas: ‘Os espíritas, sucessores dos feiticeiros da Idade Média, não se limitam mais a indicar aos *imbecis*, seus adeptos, tesouros ocultos: arranjam-se para os descobrir em seu proveito.’ Segue a apreciação, etc.

“Permiti-me, senhor redator, servir-me do vosso honrado jornal para protestar energicamente contra o autor dessas linhas tão pouco literárias e tão ofensivas para os adeptos dessas novas idéias, idéias certamente muito desconhecidas, já que são tão falsamente apreciadas.

“O Espiritismo sucede aos feiticeiros, como a astronomia sucedeu aos astrólogos. Quer dizer que esta ciência, hoje tão espalhada, que esclareceu o homem, dando-lhe a conhecer as imensidades siderais, que as religiões primitivas tinham conformado ao seu ideal e para servir aos seus interesses, esposou

todas as elucubrações fantásticas e grosseiras dos astrólogos de outrora? Por certo não o pensais.

“Do mesmo modo, o Espiritismo, tão caluniado pelos que não o conhecem, vem destruir os erros dos feiticeiros e revelar uma ciência nova à Humanidade. Vem explicar esses fenômenos até agora incompreendidos, que a ignorância popular atribuía *ao milagre*.

“Longe de esposar as superstições de uma outra época, que os feiticeiros, os mágicos, etc., toda uma multidão de párias rebeldes à civilização, empregando esses meios a fim de explorar a ignorância e especular com os vícios, ele vem, digo eu, destruí-los e, ao mesmo tempo, trazer ao serviço do homem uma força imensa, muito superior a todas as trazidas pelos filósofos antigos e modernos.

“Esta força é: *conhecimento do passado e do futuro* reservado ao homem, respondendo a estas perguntas: De onde venho? Para onde vou?

“Esta dúvida terrível, que pesava sobre a consciência humana, o Espiritismo vem explicar, não só teoricamente e por abstração, mas materialmente, isto é, *por provas acessíveis aos nossos sentidos*, e fora de todo aforismo e sentença teológica.

“As antigas opiniões, muitas vezes nascidas da ignorância e da fantasia, desaparecem pouco a pouco para dar lugar a convicções novas, fundadas na observação, e cuja realidade é das mais manifestas; o traço dos velhos preconceitos se apaga, e o homem mais refletido, estudando com mais atenção esses fenômenos reputados *sobrenaturais*, neles encontrou o *produto de uma vontade, manifestando-se fora dele*.

“Em razão dessa manifestação, o Universo aparece, para o espírita, como um mecanismo conduzido por um número infinito de inteligências, um imenso governo em que cada ser

inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar de Deus, quer no estado de homem, quer no de alma ou Espírito. Para ele a morte não é um espantinho, que faz tremer, nem o nada; não é senão o ponto extremo de uma fase do ser e o começo de uma outra, isto é, muito simplesmente uma transformação.

“Paro aqui, pois não tenho a pretensão de dar um curso de Espiritismo e, ainda menos, a de convencer o meu adversário. Mas não posso deixar ofenderem uma doutrina que proclama como princípio *a liberdade de consciência e as máximas do mais depurado Cristianismo*, sem protestar com toda a minha alma.

“O Espiritismo tem por inimigos os que não o estudaram, nem na sua parte filosófica, nem na sua parte experimental; é por isso que o primeiro que aparece, sem se dar ao trabalho de esclarecer-se, arroga-se o direito, *a priori*, de o tratar de absurdo.

“Mas, infelizmente para o homem, sempre foi assim, cada vez que surgiu uma nova idéia. Aí está a História para o provar.

“Estando o Espiritismo de acordo com as ciências de nossa época (Vide *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*), seus mais autorizados representantes e todos os escritos saídos de seu seio declararam que ele estava pronto para aceitar *todas as idéias* baseadas nas verdades científicas e rejeitar todas as que fossem reconhecidas como *eivadas de erro*; numa palavra, ele quer marchar à frente do progresso humano.

“Os adeptos desta doutrina, em vez de se ocultarem na sombra e de se reunirem nas catacumbas, procedem de modo inteiramente diverso. É em plena luz e publicamente que emitem suas idéias e se exercitam na prática de seus princípios. Na França a opinião espírita está representada por cinco revistas ou jornais; na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na Rússia, por quinze folhas

hebdomadárias; nos Estados Unidos da América, esse país de liberdade e de progresso em todos os gêneros, por numerosos jornais ou revistas, e os adeptos do Espiritismo nesse país já se contam por milhões, adeptos que o autor do artigo do *Indépendant*, involuntariamente e sem reflexão, trata de *imbecis*.

“Nossa época, tão distanciada dos atos de intolerância religiosa, que se ri das disputas teológicas e dos raios do Vaticano, deveria inspirar melhor o respeito às opiniões contrárias.

“Aceitai, etc.”

Jules Monico

O mesmo jornal, de 17 de julho, contém outro artigo do Sr. Monico, que anuncia dever publicar uma série em resposta a alguns ataques dos antagonistas do Espiritismo. Aí vemos igualmente o anúncio, como estando no prelo, de uma brochura do mesmo autor, intitulada: *Liberdade de consciência*, e que deve aparecer na primeira quinzena do mês de agosto. Preço: 1 franco.

Bibliografia

O Espiritismo em Lyon, jornal bimensal, que aparece em Lyon desde 15 de fevereiro, prossegue com perseverança e sucesso o curso de sua publicação. Como dissemos há tempos e como ele mesmo o diz, não é um jornal de pretensões literárias; seu objetivo, mais modesto, é popularizar, pela modicidade do preço, as sãs idéias sobre a Doutrina. É feito fora de qualquer pensamento de especulação, porque o excedente dos gastos materiais é lançado na caixa de socorro. É, pois, uma obra de devotamento da parte dos que empreenderam essa pesada tarefa. Pelo bom espírito em que é concebida a sua redação e o louvável objetivo a que se propõe, não pode deixar de granjear as simpatias e o estímulo de todos os espíritas sinceros. Lemos com vivo prazer, no topo dos

últimos números, um aviso, pelo qual informa que o Sr. senador prefeito do Rhône autorizou sua venda na via pública. Fazemos votos por sua prosperidade, pois deve aproveitar à Doutrina e aos infelizes. A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número as reflexões que nos sugeriram alguns de seus artigos, entre os quais notamos um (N^o de 15 de julho) sabiamente concebido, sobre o processo do Sr. Home.

Allan Kardec

